



Oficinas de Trabalho Biográfico: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes

Elsa Lechner

RESUMO – Oficinas de Trabalho Biográfico: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes. O texto apresenta e desenvolve os pressupostos teóricos da proposta pedagógica que são as oficinas de trabalho biográfico junto de pesquisadores e estudantes universitários das ciências sociais e humanidades. São revisitadas as suas diversas etapas e contextualizada a proposta no quadro mais vasto da teoria da ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos em equação com a corrente actual da pesquisa biográfica tal como esta é desenvolvida no quadro da associação internacional *Le Sujet dans la Cité*.
Palavras-chave: **Epistemologia Cívica. Oficinas de Trabalho Biográfico. Saber Experiencial. Teoria da Ecologia de Saberes.**

ABSTRACT – Biographical Workshops: research, pedagogy and ecology of knowledge. The following paper introduces and develops the theoretical assertions of the pedagogical proposition of biographical workshops, as they are used with and by academic researchers and students in the Social and Human Sciences. These assertions are revisited in their various steps and their proposal is contextualized under the wider scope of the theory of the ecology of knowledge, by Boaventura de Souza Santos, aligning with the current ideas concerning biographic research, as it is developed by the international association *Le Sujet dans la Cité*.

Keywords: **Civic Epistemology. Biographical Workshops. Experiential Knowledge. Theory of the Ecology of Knowledge.**

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da acção, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 5).

No Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra onde faço pesquisa na área das migrações, tenho desenvolvido oficinas biográficas que põem em prática um saber de experiência no domínio específico da pesquisa biográfica. As oficinas apresentam-se como cursos de formação avançada para pesquisadores das Ciências Sociais e Humanidades e assentam numa abordagem formadora/transformadora do trabalho de pesquisa com e sobre Histórias de Vida ou narrativas biográficas.

Os cursos de formação avançada *Biografar* propõem a criação de uma oficina de trabalho auto e hetero biográfico ao longo de três dias com um grupo de pequena dimensão (não mais de 12 participantes). Seguindo metodologias trabalhadas nas histórias de vida em formação, o curso incita à produção de exercícios de escrita autobiográfica e subsequente partilha dos respectivos relatos, recorrendo a exercícios de escuta sensível e de movimento cinestésico. O objectivo geral é o de socializar os/as participantes numa metodologia de trabalho em grupo e experimentar, no concreto, os respectivos efeitos formadores, transformadores e de acção social. O objectivo específico é o de desenvolver uma atitude epistémica crítica de escuta demorada de um/a outro/a e de percepção de si e dos outros a partir de novos ângulos. Durante três dias, a oficina percorre as etapas de escrita, escuta, ressonância, partilha, e socialização das narrativas biográficas, bem como a análise dos temas, momentos, variantes, e invariantes identificados por todos e cada um/a dos/das participantes. É dada igualmente atenção às questões de linguagem e de contexto de produção dos relatos. No final do curso, são exploradas a relevância do método e suas aplicabilidades nas respectivas vidas profissionais dos participantes.

No presente artigo desenvolverei os pressupostos teóricos desta proposta pedagógica e apresentarei as diversas etapas da Oficina, contextualizando a proposta no quadro mais vasto da teoria da ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos.

Da Pesquisa Biográfica como Pesquisa-Ação-Formação

Os desenvolvimentos teóricos mais recentes da pesquisa biográfica (Delory-Momberger, 2004; 2006; 2009) têm posto em evidência o carácter

iminentemente transdisciplinar do trabalho que recorre ou se baseia em histórias de vida, narrativas biográficas, material auto e hetero biográfico.

Tal proposta toma em consideração tanto as dimensões sociais, políticas, históricas, discursivas, culturais, a ter em conta nos *objectos* biográficos, como as aproximações a identificar entre diferentes correntes ou tradições da pesquisa com e sobre histórias de vida nas ciências sociais e humanas, nos últimos cem anos.

É bem conhecida a história das *histórias de vida* como método ou técnica da sociologia e antropologia desde os primórdios destas disciplinas, nomeadamente através dos trabalhos clássicos de William Thomas e Florian Znanieki (The Polish Peasant, 1920) ou de Malinowski (1997 [1967]) e do trabalho de Daniel Bertaux nos anos 1960. Mas é menos conhecida, sobretudo nas ciências sociais, a história da corrente heurística e existencial das *histórias de vida* que Delory-Momberger tenta resgatar na sua perspectiva interdisciplinar mais para além da mera objetificação metodológica da pesquisa biográfica.

É nesta esteira complementarista da pesquisa biográfica que podemos encontrar o *ramo* da pesquisa-ação-formação onde são integradas, concomitantemente, as dimensões formativas, transformativas e de intervenção social da pesquisa biográfica.

Pode parecer arriscado para alguns trazer esta tripla especificidade para um programa académico de formação sobre pesquisa em ciências sociais. Muitos formandos se inquietam quando os ensinamentos não são apresentados em forma de *pacote metodológico*. Para que a diferente proposta seja acolhida, é preciso aceitar uma mudança de paradigma científico menos baseado na crença da objectividade dos objectos de estudo sociais, e mais seguro da natureza cambiante, instável, imprevisível desses mesmos objectos. Mas, sobretudo, é necessário partir das mudanças ocorridas ao longo do século XX na epistemologia das ciências sociais. De facto, foi então que se ultrapassou o quadro lógico-formal do modelo científico mecânico anterior, para se passar a sublinhar o potencial heurístico, o carácter subjectivo e histórico dos objectos sociais, agora não mais separados dos sujeitos sociais que os protagonizam.

Neste contexto de produção, a pesquisa biográfica tem desempenhado um papel de fundo relevante, atestado pelo trabalho de autores como Franco Ferrarotti (1983), Gaston Pineau (1983; 1989) e a escola de Genève na educação, ou, mais recentemente, Christine Delory-Momberger (2004; 2006) e Jeanne Marie-Rugira na antropologia e psicossociologia (2008).

As duas últimas autoras são nomes de referência na investigação fundamental, por um lado, e investigação-acção, por outro, com e sobre histórias de vida, relatos biográficos, processos de biografização, oficinas biográficas, escuta sensível. No texto referenciado na bibliografia anexa, Jeanne-Marie Rugira (2008) questiona justamente o lugar da relação com o corpo e com a sensorialidade¹, no seio de processos de pesquisa e formação em ciências sociais. Rugira defende a ideia segundo a qual a relação com o corpo constitui um pilar incontestável dos processos de formação e de produção colectiva de sentido

e de conhecimento. É essa relação que nos restitui a capacidade de aprender, de adaptar e de reagir para além de automatismos socialmente incorporados. Assim, desenvolver as competências perceptivas e de atenção para aprender, compreender e agir torna-se inevitável no interior de um procedimento experiencial utilizado na pesquisa biográfica de inspiração fenomenológica.

Na sua dimensão propriamente somato-pedagógica, a proposta de Jeanne-Marie Rugira assenta nos trabalhos da somato-psico-pedagogia (SPP), desenvolvida por Danis Bois e sua equipa há várias décadas. Esta disciplina emergente cruza os contextos disciplinares das ciências da educação e da saúde, oferecendo simultaneamente uma abordagem pedagógica e terapêutica centrada na pessoa. Baseada na proposta de desenvolver a relação com o corpo em movimento, com o processo dinâmico de expressão, com a relação ao imediato, com a empatia corporizada, e com o *movimento interno* (tissular), a SPP desenvolve o *paradigma do sensível* (Bois, 2001; Bois; Austry, 2007) ensinando a arte de descoberta de si pelo/no corpo.

Rugira cita Simone Weil a propósito da passagem da atenção à percepção: “A atenção extrema é o que constitui no Homem a faculdade criativa, [...] A quantidade de génio criativo de uma época é rigorosamente proporcional à sua quantidade de atenção extrema” (Rugira, 2008, p. 74). Fazer investigação, formar ou intervir socialmente, para a autora, consiste em percorrer caminhos de novas possibilidades, de criação, que levam ao desvelar de sentidos através da aprendizagem da percepção, da reflexão, do diálogo e da compreensão de si, dos outros e do mundo. A maneira como cada um percebe o mundo determina e depende da experiência que tem dele. Por isso mesmo, é preciso aprender e formar-se a ver com V maiúsculo. Ou seja, é preciso não se contentar em avaliar ou examinar. É preciso aprender com a experiência e não só com o pensamento. É preciso ser *visionário da nossa actividade*, suspender a acção sem atenção, tornarmo-nos responsáveis pelo enriquecimento das nossas percepções, denunciar a facilidade de nos contentarmos com representações grosseiras de nós mesmos, dos outros, dos mundos, deplorar a evidência das nossas incapacidades para melhorar a abordagem da experiência vivida, aprender a encarnar aquilo que sabemos ou queremos explicar. Melhor dizendo, explicar aquilo que conhecemos por experiência através da prática de *epoche*, enquanto prática e atitude, no centro dos processos de pesquisa, de aprendizagem e compreensão.

No entanto, Rugira também reconhece que a capacidade humana de explorar a própria experiência não é espontânea, sendo assim necessário cultivá-la, treiná-la, se não quisermos ficar pela rama. A sua proposta teórica e prática, que conheço directamente como formanda, torna-se tanto mais relevante quando conhecemos o percurso pessoal e teórico de Rugira. Não é insignificante na sua proposta o facto de ser originária do Ruanda, de aí ter vivenciado o genocídio, de se ter exilado no Canadá, de ter vivido longe dos filhos e do marido, e de ter lutado pela obtenção da nacionalidade canadiana. As experiências perturbadoras e traumatizantes que viveu, levaram-na a um contacto privilegiado com essa capacidade de aprender novas percepções de

si, dos outros e do mundo, que só estiveram ao seu alcance porque já era uma militante educadora no seu país de origem. No exílio, a nova percepção de si foi questão de sobrevivência – conta no mesmo artigo. No presente, é questão de necessidade, diz:

Aprendi a ficar em contacto com a experiência subjectiva, percebi-me a mim mesma como sujeito e constatei, com encantamento, que viver e descrever com precisão um gesto interior, que suspender a actividade cerebral ordinária, instaurava uma sensorialidade mais rica permitindo *tomar corpo* (Rugira, 2008, p. 78, meu itálico) no conhecimento e na acção.

Para Rugira – a autora sobrevivente de um genocídio –, o corpo só pode estar no centro dos nossos projectos de investigação. Ele é condição *sine qua non* do nosso saber habitado, via de acesso a um *poder-ser* desde que seja falado, partilhado, dado a conhecer.

É neste quadro teórico que situamos as nossas oficinas biográficas. Estas acrescentam à formação em pesquisa biográfica o facto de proporcionarem uma experiência de trabalho em grupo onde é posto a nu o carácter sempre *situado* da escuta de cada participante (cada um interpreta à sua maneira os mesmos relatos) e das vivências relatadas (a diversidade é uma constante), bem como o potencial de transformação das percepções nesse contexto particular. Como numa *arbre a palabre* africana, onde cada membro do grupo olha do seu lugar do círculo a árvore que está no meio (e, logo, tem uma perspectiva única, diferente dos demais sobre a mesma árvore), também aqui cada participante faz a experiência da diversidade de leituras possíveis sobre o mesmo objecto de contemplação (cada relato lido em voz alta). Os exercícios propostos nas oficinas biográficas têm ainda a particularidade de permitir trocar impressões sobre as narrativas autobiográficas dos colegas a partir da ressonância que aquelas provocam no corpo aqui entendido como um instrumento de trabalho. A escuta sensível traz para a dianteira do trabalho uma audição ancorada no corpo que cada um é (não o esqueçamos) – tanto investigador/as como investigado/as – e treina uma vigilância metodológica contra a precipitação de julgamentos meramente cognitivos. O acto de conhecer ou tentar compreender a partir desta consciência corporal produz resultados substancialmente diferentes do acto de conhecimento assente numa cabeça isolada de tronco, membros, ou entranhas.

Identifiquemos, agora, e de forma sistematizada, as dimensões de pesquisa, acção e formação das oficinas biográficas:

No trabalho em grupo, aqui proposto, cada participante leva a cabo a escrita de um texto autobiográfico. Todos os textos são depois lidos em voz alta e comentados a partir das ressonâncias sentidas pelos ouvintes.

Tanto o exercício de escrita, como o de leitura e de escuta/ressonância/comentário, são experiências de descoberta (de si e do Outro) que nós usamos como exemplo concreto do que é fazer *pesquisa* biográfica em terrenos sociais.

O nosso trabalho de pesquisa *lá fora*, seja como antropólogo/as, sociólogo/

as, pedagogo/as etc., não é meramente mecânico e instrumental. Ele é um trabalho relacional e humano que requer, na nossa perspectiva, uma experiência prévia de autorreflexividade, de intersubjectividade e alteridade: quem sou eu para além de uma antropóloga? Como me conheço e posso conhecer o Outro que me conta a sua história? e como me recebe ele a mim? Como posso comunicar com esse Outro muitas vezes culturalmente distante de mim, socialmente ocupando (muitas vezes) um lugar assimétrico ao meu? Essas são perguntas que tentam resumir a questão da autorreflexividade, intersubjectividade, alteridade, e de poder, nos terrenos da pesquisa biográfica.

No entanto, mais do que ter noção disto e fazer a experiência de si e da relação ao Outro para além do estereótipo, a pesquisa está na tomada em consideração dos impactos do nosso trabalho junto dos nossos interlocutores. Sem isso, o exercício de fazer pesquisa subtrai-se de uma consciência histórica, bem como da consciência do peso político que carrega. Assim, as experiências de Si e do Outro, propostas nas oficinas biográficas, permitem adquirir um conhecimento experiencial dos efeitos que causamos nos nossos interlocutores, bem como do próprio processo de produção de saberes. Nas oficinas nós vemo-nos fazer, fazendo.

Pela mesma ocasião, as oficinas põem a nu os efeitos transformadores do trabalho biográfico que resultam numa *acção* concreta sobre o tecido relacional situacional *in situ*, sobre os papéis sociais que cada um acarreta (e do qual se pode despir), sobre a sociedade como um todo.

É nesta dimensão em particular do trabalho de grupo que os participantes tomam consciência de que o saber não existe só pelo saber. Este tem efeitos sobre os intervenientes, seus pressupostos e convicções de partida que podem ser alterados ao longo da partilha, como também têm consequências sociais que ultrapassam as intenções de cada um. O grupo potencia estes efeitos. Na verdade, ele tem efeitos exponenciais porque multiplicados por cada um dos participantes. E os efeitos traduzem-se em acções.

No terreno das Migrações, no qual tenho desenvolvido minhas pesquisas, os efeitos da pesquisa biográfica (mesmo quando feita a dois no contexto de uma entrevista, por exemplo) são de acção emancipatória: a validação dos testemunhos privados para além da etiquetagem ou superfície de discurso; a valorização das experiências dos migrantes frequentemente anuladas por estereótipos e estigmatizações sociais; a co-construção de um novo saber que reconhece, em pé de igualdade, a experiência e sua elaboração teórica (Lechner, 2010).

Também nas oficinas biográficas, com um grupo de candidatos a pesquisadores das ciências sociais, verificamos esta acção de emancipação no acto de narrar, na partilha, no descolar das velhas peles identitárias ou de identificação (social, cultural, ideológica) dos participantes. É este um dos factores de transformação da pesquisa biográfica.

A *formação* propriamente dita resulta também deste carácter transformador das oficinas. Aprender é transformar-se. Transformar-se é aprender. Mudar de perspectiva é formar-se. A corrente das histórias de vida em formação trata

justamente desta inseparabilidade da formação com a transformação. Nas palavras do fundador desta linha teórica, trata-se de uma “arte formadora da existência” (Pineau, 2006, p. 41). A vida aprende através do acto pedagógico, e a formação acontece na vida, com a vida, pela vida. Falamos pois de um conceito alargado de educação, associado à experiência de se contar e da partilha de relatos biográficos.

Como se processam então as oficinas?

Uma Dinâmica de Grupo

No desenrolar de três dias de trabalho em grupo, alternam-se de forma ordenada, mas flexível, os seguintes momentos pedagógicos:

– Uma introdução: pressupostos teóricos, regras, *contrato* e funcionamento da oficina.

– Fase de entrada em relação no grupo: exercícios de movimento corporal e de escuta.

– Fase de escrita autobiográfica a partir de uma frase igual para todo/as, por exemplo: *Eu nasci...* (todo/as escrevem duas páginas).

– Fase de partilha das narrativas escritas (cada um/a lê e escuta).

– Fase de partilha de comentários (ressonâncias).

– Fase de síntese: aplicabilidade da experiência vivida nas pesquisas de cada participante.

Após a introdução com apresentação do *programa* e do *contrato* da oficina, os participantes são convidados a fazer um exercício de escuta, de olhos fechados. Depois deste momento que pode demorar uns minutos, cada um/a é solicitado a descrever o que viveu nessa experiência de escuta com olhos fechados. Desde logo, nesta primeira partilha, todos percebem que a escuta, mesmo do silêncio, é muito diversificada no seio de um mesmo grupo. O exercício serve, assim, tanto o propósito cinestésico de aprender a fazer uma escuta sensível, como o propósito de fazer experimentar a diversidade de experiências (cada um faz uma experiência única apesar do exercício ser comum). Uma escuta sensível é justamente uma escuta que amplifica os canais perceptivos, a atenção, logo, que permite acolher a diversidade sem reactividade imediata que seria anuladora da atenção.

Segue-se a escrita de um pequeno texto autobiográfico que pode incidir sobre diferentes temas. O tema escolhido para cada oficina depende do objectivo da mesma. Num momento seguinte, e depois de estabelecer uma regra de escuta atenta, respeitadora e sem julgamentos, cada um lê o seu texto em voz alta, na ordem de disponibilidade que o seu à vontade lhe oferece. Aqueles que escutam devem anotar as impressões, ideias, sensações, comentários que a leitura do colega lhes sugere, para depois os expor ao grupo. Pode ainda ser feito um exercício suplementar de segunda leitura. Este serve para fazer a experiência

de *processo* na compreensão dos relatos e na partilha: a forma como se lê e ouve aquilo que foi escrito não é a mesma no primeiro e no segundo momentos.

À imagem da *arbre à palabre* africana, cada participante oferece a sua percepção sobre os relatos lidos, o que produz um efeito exponencial de consciencialização (pelo questionar e relativizar da experiência de cada um), de formação (aprendem uns com os outros) e de transformação de si (descoberta de novas possibilidades, horizontes, da capacidade criativa de se *inventar* a si próprio). O clima de respeito no qual os comentários são feitos, bem como a confrontação com experiências diferentes, permeabiliza os sujeitos. Todos verificam como as experiências (mesmo as mais míticas ou fundadoras de identidades julgadas fixas) são *filtradas* por representações nascidas dos/nos contextos de vivência de cada um. Esta descoberta permite desconstruir uma concepção essencializante das identidades, verificar como somos determinados pelos contextos em que vivemos, mas, ao mesmo tempo, como temos uma margem de manobra para nos libertarmos das determinações sociais.

Na partilha, o formador/a que orquestra o grupo faz realçar as diversas dimensões dos relatos. Estes são actos linguísticos, performativos, de memória, e actos políticos.

Como actos de linguagem: constituem-se no tempo e no espaço de uma enunciação particular; são transitórios, moventes, vivos, reconfigurando-se incessantemente no presente do momento em que são enunciados. Nunca são *de uma vez por todas*. Reconstruem o sentido das experiências vividas. Traduzem *identidades narrativas* (Ricoeur, 1983).

Como actos performativos: fazem dos narradores os sujeitos/personagens da sua história privada. Fazem dos narratários os sujeitos de uma história partilhada onde se distinguem mais claramente as proximidades e diferenças, aspectos comuns e não comuns das identidades. Fazem da partilha uma fonte de saber que evidencia o papel do corpo na experiência de vida. Colocam o corpo no campo de compreensão das experiências vividas e do saber produzido (o corpo arquivo de memórias; lugar de experiência; lugar de expressão ou silenciamento; lugar de resistência e de criatividade ou reivindicação identitária e ou de direitos).

Como actos de memória: tecem os acontecimentos vividos com os fios do agora, (re)construem uma história vivida no passado, constroem uma congruência entre o presente e o passado, constroem uma imagem ou figura do sujeito que se reapropria de si e define uma nova identidade. Constroem pontes de projecção no futuro (sujeito-projecto).

Como actos políticos: traduzem uma competência reflexiva dos sujeitos que lhes permite levar a conhecer os próprios direitos (de cidadania e humanos) e contextos sociopolíticos de existência. Traduzem formas de resistência a regimes políticos opressivos. Traduzem uma visão entre outras da história (ver, a este propósito, o filme de Chimamanda Adichie *The danger of a single story*). Produzem formas de conhecimento não hegemónicas.

Os leitores podem verificar como estas quatro dimensões dos relatos biográficos anunciam um programa que é, ele próprio, mais do que uma pedagogia. Trata-se de um quadro de compreensão e de acção sobre a aprendizagem e o saber, vocacionada para um diálogo efectivo entre os sujeitos, na diversidade, e na reflexividade. É, por isso, pertinente equacioná-lo aqui com a teoria da ecologia dos saberes de Boaventura de Sousa Santos (2007) que muito esclarece sobre a necessidade de pensar e agir, também nas ciências sociais e humanas, para além do tradicional *pensamento abissal* que caracteriza a ciência moderna.

Ecologia de Saberes e Novas Possibilidades Educativas pelo Trabalho Biográfico

A teoria da ecologia dos saberes de Boaventura de Sousa Santos argumenta que as linhas cartográficas *abissais*, que separavam durante a época colonial o velho e o novo mundo, subsistem no pensamento ocidental moderno de forma estrutural e estruturante. Elas permanecem, com efeito, constitutivas das relações políticas e culturais do sistema mundial contemporâneo que exclui ou não reconhece metade do mundo. Existe uma injustiça cognitiva global que requer, para ser ultrapassada, a construção de um pensamento *pós-abissal*, cujos princípios constituem as premissas programáticas de uma ecologia de saberes.

A característica fundamental deste pensamento abissal é a impossibilidade de co-presença de pessoas pertencentes aos dois lados opostos da linha de separação. Sem eufemismos, os *civilizados* e os outros. Esta foi construída ao longo da história e comanda dois grandes domínios de poder: a Ciência e o Direito. Sousa Santos mostra como o Direito moderno tem uma precedência histórica sobre a Ciência na criação do pensamento abissal. Foi a linha global, que separava o velho mundo do novo mundo, que tornou possível a emergência, no nosso lado da linha, do direito moderno, nomeadamente do direito internacional moderno: entre outros, o Tratado de Tordesilhas (1494), as *amity lines* (linhas da amizade) como o Tratado de Cateau-Cambressis (1559) que separava a Espanha da França. Importa referi-lo aqui porque tal explica a legitimação de um saber hegemónico que se tomou e toma por universal, ao mesmo tempo em que excluía e exclui todos os outros saberes. Não cabe neste texto o desenvolvimento dos conteúdos desta história de divisão que está na origem da ciência moderna, mas sim a lembrança de que a vocação de universalidade da nossa ciência, da nossa herança cognitiva, exclui à partida a diversidade de saberes resultantes de experiências outras do mundo. Como bem formula Flora Pidner na sua tese sobre os *lugares* de saber científico e local (2010):

A história da modernidade é marcada pela monocultura do conhecimento científico, que deslegitima qualquer forma de conhecimento e de saber que não sejam produzidos sob os parâmetros da ciência. A inquietação diante do desperdício histórico e material dos saberes não hegemónicos pela ciência

moderna culmina na reflexão utópica acerca da reinvenção dos saberes e da universidade, em busca de outras referências para uma nova vida. A reflexão é utópica, pois se refere à busca de caminhos de realizações possíveis, de futuros diferentes do prometido pela modernidade. Boaventura de Sousa Santos, em sua obra *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*, propõe a teoria da ecologia de saberes para substituir a paisagem de monocultura científica. Essa teoria impulsiona a pluralidade de saberes existentes e possíveis para o diálogo, que, em princípio, passaria pela reafirmação dos saberes produzidos nos lugares, os chamados saberes locais. O objetivo é a valorização da dimensão do lugar — que significa a revalorização das vozes dos sujeitos no cotidiano — no processo de produção dos saberes e para a possibilidade de diálogo entre eles, diálogo esse factível através de um processo de tradução que lhes permita a inteligibilidade recíproca (Pidner, 2010, p. 6).

Precisamente, as oficinas biográficas constituem-se como plataformas de saber local, no sentido de Sousa Santos. Mas ele é um saber partilhado na diversidade que não só não objectifica os seus participantes, antes desperta a sua capacidade de emancipação face a papéis sociais e identidades ou identificações herdadas. As oficinas são contextos onde o saber não se abstrai da experiência concreta vivida e eventualmente (re)significada pelos sujeitos — logo, de um saber considerado *menor*. Também acolhem a diversidade de perspectivas, a subjectividade e a intersubjectividade, consideradas ameaçadoras para visões universalizantes do saber hegemónico. Neste sentido, as oficinas biográficas são como um microcosmos de pensamento e acção pedagógica *pós-abissal*, onde a diversidade e subjectividade são acolhidas e postas a nu, contribuindo para o diálogo construtivo entre pessoas e grupos. Não nos esqueçamos que estes grupos e pessoas ocupam posições sociais muitas vezes assimétricas entre as quais (sem tal abertura à diversidade e sem consciência das heranças históricas da modernidade avançada) costuma predominar o conflito e a incompreensão. É bastante evidente a importância de uma mudança pós-abissal da perspectiva sobre o saber, como da consciência histórica das assimetrias que caracterizam as relações entre países, grupos e pessoas. A educação e a pedagogia são uma dessas esferas de relação de suma importância que mais podem servir para reproduzir ou, pelo contrário, modificar as formas de relação herdadas do passado.

Na universidade, a ecologia dos saberes é, para Sousa Santos, uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. A reorientação para a valorização dos saberes leigos contribui para reintegrar outros tipos de saberes na produção do conhecimento, uma vez que estes foram excluídos do cenário do conhecimento no período da racionalização da ciência. A Ecologia dos Saberes é a reorientação solidária da relação universidade-sociedade.

Gostaria de prosseguir na ideia de solidariedade de Sousa Santos, bem como no conceito de epistemologia cívica (Jasanoff, 2005), para enquadrar a proposta pedagógica das oficinas biográficas. Não se trata de visitar toda a

corrente das histórias de vida em formação, que os leitores podem consultar facilmente nas muitas publicações existentes em várias línguas e bem representada no quadro editorial brasileiro. Na verdade, nesse quadro teórico e prático não são propriamente abordadas as dimensões políticas e cívicas do trabalho biográfico, apesar de serem bastante recorrentes os exercícios em grupo e de partilha. Trata-se, pois, aqui, de reflectir sobre tais dimensões, cívica e política do nosso trabalho que nos obrigam a necessárias considerações sobre o político no biográfico e na educação, quando devidamente consciencializadas e assumidas por nós pesquisadore/as e pedagogo/as.

A solidariedade de que fala Boaventura de Sousa Santos resulta da sua concepção ecológica do saber e *epistemologia do sul* assente em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul (Santos, 1995). É claro que tais orientações só podem ser desenhadas quando tomamos plena consciência das implicações da tradicional hegemonia do norte nas formas de produzir conhecimento e de compreender o mundo. Perante as assimetrias, desigualdades e injustiças construídas historicamente, torna-se necessário desconstruir a superioridade da racionalidade científica em prol de uma epistemologia de olhos abertos, plural, que inclua os outros saberes como legítimos. Assim, um saber solidário é um saber ecológico do ponto de vista epistemológico. Tal implica igualmente uma mudança na forma como os próprios pesquisadores ou produtores de conhecimento científico se situam no novo contexto epistemológico. A autorreflexividade, bem como a consciência das relações de poder que permeiam a produção de saber, são condições *sine qua non* para atingir essa mudança. Em termos práticos, o conhecimento solidário é o que não se pretende sobrepor aos demais, escutando os saberes locais e de experiência. Como tal, ele retrata uma preocupação cívica que não se confunde com paternalismo. Há uma diferença considerável entre a solidariedade com consciência política ou sem ela. De seguida apresento o trabalho da corrente da pesquisa biográfica na qual me insiro, com o objectivo de tornar clara essa especificidade.

Tal corrente da pesquisa biográfica é desenvolvida pela associação internacional *Le Sujet dans la Cité*, criada por iniciativa de Christine Delory-Momberger em 2009. Esta associação edita, desde 2010, uma revista internacional com o mesmo nome, cujo argumento científico atesta justamente a conotação política e filosófica dos seus conceitos chave: *sujeito e polis*. O objeto desta pesquisa biográfica traduz-se nos processos de *instituição* mútua entre os indivíduos e as sociedades, retomando uma proposta dialéctica dos anos 1980, elaborada pelo sociólogo italiano Franco Ferrarotti (1983). Trata-se de interrogar a maneira como as construções individuais resultam dos contextos históricos, culturais, sociais, económicos, políticos, e como os espaços colectivos são *trabalhados*, significados, transformados pelos actores individuais. A carga filosófica e política destes dois elementos (indivíduos e sociedade), bem como da sua relação (dialéctica), é aqui deliberadamente problematizada e problematizante, procurando a revista internacional *Le Sujet dans la Cité* encontrar

os sentidos dos laços entre construção autopoietica dos indivíduos e inscrição social, entre projetos pessoais e práticas colectivas, entre reflexividade individual e deliberação social, entre *educação e sociedade*, entre *ética e política*.

É precisamente porque a relação entre indivíduos e sociedades se faz por intermédio de traduções intra e interpessoais que a pesquisa biográfica se revela central no conhecimento das próprias sociedades. As experiências dos contextos mais vastos de experiência são conhecidas através dos relatos dos sujeitos, e os próprios *textos* (no sentido lato) são, eles mesmos, retrato desses contextos mais vastos. De facto, tanto os textos como os contextos são cultura material a ser utilizada pelos cientistas sociais (que não só os historiadores). Desde logo as línguas que falamos ou nas quais comunicamos sobredeterminam a nossa experiência do mundo. Mas também a cultura, a classe, o género etc., nos *situam* socialmente assim determinando igualmente as nossas vidas.

Desta forma, o trabalho que é levado a cabo nas oficinas biográficas que procuram integrar ou, pelo menos, não desconhecer esta dimensão política das biografias, é um trabalho que permite *situar* tanto as heranças como as emergências e potencialidades de transformação dos sujeitos participantes. Mas, este situar é feito em conjunto, através da descoberta de cada um e do grupo, ao mesmo tempo. Neste segundo sentido, então ele é novamente um exercício político e cívico que ensina as pessoas a viver em conjunto de forma mais pacífica, não necessariamente conflituante, e sobretudo respeitadora das diferenças.

Podemos considerar as oficinas biográficas como um laboratório de diálogo intercultural no sentido lato do termo: um diálogo entre diferenças. Estas diferenças podem ser de natureza diversa potenciando ainda os efeitos de formação, transformação e ação social da oficina. Com efeito, a diversidade partilhada multiplica as aprendizagens, a transformação e ação individual e colectiva. Torna-se assim evidente que tal exercício de trabalho biográfico em grupo é uma poderosa arma pedagógica com alcance social.

Conclusões

Neste texto procurámos apresentar e desenvolver os pressupostos teóricos da proposta pedagógica que são as oficinas de trabalho biográfico junto de pesquisadores e estudantes universitários das ciências sociais e humanidades. Apresentámos também as suas diversas etapas e contextualizamos a proposta no quadro mais vasto da teoria da ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos e na corrente actual da pesquisa biográfica tal como esta é desenvolvida no quadro da associação internacional *Le Sujet dans la Cité*.

Ficou explícito o carácter pedagógico das oficinas em ligação com uma consciência histórica sobre o estatuto do saber experiencial no quadro da racionalidade científica de que é herdeira a universidade e as referidas áreas do

saber. Pela mesma ocasião, e graças a tal consciência, foi possível analisar as dimensões política e cívica destes *lugares* de saber, alternativos a uma visão hegemónica da transmissão e produção de conhecimento.

O trabalho de grupo das oficinas, bem como a sua natureza participativa e de partilha de experiências biográficas, revela ser uma espécie de microcosmos de diálogo na diversidade, ou laboratório de coesão social. Tal constatação não implica necessariamente uma visão ingénua ou cor-de-rosa das relações humanas sobejamente marcadas pelo conflito, discórdia e violência. Trata-se de dar a conhecer, e viver, uma forma de relação humana onde a aprendizagem se faz, onde a transformação acontece – aos níveis individual e colectivo – num clima de respeito, de escuta sensível e de coesão. Vimos que os efeitos formadores são os de fazer os participantes aprender sobre si, sobre os outros, sobre o que é aprender (experiência/saber); os efeitos transformadores residem na aquisição de uma nova percepção de si, da história própria, da história dos outros, da relação de interacção, do lugar do corpo na produção de saberes; e os efeitos de ação social no facto de que o *objecto-sujeito* que somos nós e são os nossos interlocutores, se tornam *autores-actores-agentes* de um *saber-poder-fazer* na colectividade.

Numa visão utópica-concreta das coisas, podemos dizer que esta pedagogia ou educação produz uma outra realidade social, mais pacífica, mais formadora e transformadora dos indivíduos e colectividades.

Recebido em julho de 2011 e aprovado em dezembro de 2011.

Notas

1 Sensorialidade distingue-se de sensibilidade e de sensualidade. A palavra remete para a experiência dos sentidos cinestésicos (audição, visão, olfacto, paladar, tacto); é relativa aos nervos sensitivos; diz respeito às sensações.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **The Danger of a Single Story**. TED Talk, 2007.
- BOIS, Danis. **Le Sensible et le Mouvement**: essai philosophique. Paris: Point d'Appui, 2001.
- BOIS, Danis; AUSTRY, Didier. Le Paradigme du Sensible. **Réciprocités**, Paris, Point d'Appui, n. 1, p. 6-23, 2007.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Les Histoires de Vie**: de l'invention de soi au projet de formation. Paris: Anthropos, 2004.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização. Os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, 2006.

- DELORY-MOMBERGER, Christine. **La Condition Biographique; Essais Sur Le Récit De Soi Dans La Modernité Avancée**. Paris: Téraèdre, 2009.
- FERRAROTTI, Franco. On the Autonomy of the Biographical Method. In: BERTAUX, Daniel (Org.). **Biography and Society: the life history approach in the social sciences**. London/Beverly Hills: Sage Publications, 1983. P. 19-31.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a Autonomia do Método Biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O Método (auto)Biográfico e a Formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. P. 17-34.
- FERRAROTTI, Franco. **On the Science of Uncertainty**. The biographical method in social research. Oxford/New York; Lexington Books, 2005.
- JASANOFF, Sheila. **Designs on Nature, Science and Democracy in Europe and in the United States**. Princeton University Press, 2005.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.
- LECHNER, Elsa. Migração, Pesquisa Biográfica e Emancipação Social. In: GASPAR, Vera Lúcia; CUNHA, Jorge Luiz (Org.). **Práticas de Formação, Memória e Pesquisa (Auto) Biográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. P. 45-75.
- LECHNER, Elsa. La Recherche Biographique Aujourd'hui: de la science de l'incertitude au savoir ancré. **Le Sujet dans la Cité**, Paris, n. 2, p. 214-228, 2011.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **A Diary in the Strict Sense of the Term**. Stanford: Stanford University Press; trad. Brasileira: Um diário no sentido estrito do termo. Rio de Janeiro: Record, 1997 [1967].
- PIDNER, Flora. **Diálogos entre Ciência e Saberes Locais: dificuldades e perspectivas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- PINEAU, Gaston. **Produire sa Vie: autoformation et autobiographie**. Montréal: Albert St-Martin/ Paris: Édilig, 1983.
- PINEAU, Gaston. **Histoires de Vie**. Paris: l'Harmattan, 1989. (em colaboração com Guy Jobert et al.)
- PINEAU, Gaston. As Histórias de Vida como Artes Formadoras da Existência. In: SOUZA, Elizeu; ABRAHÃO, Maria Helena (Org.). **Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. P. 41-59.
- RICOEUR, Paul. **Temps et Récit**. Tomo I: L'intrigue et le récit historique. Paris: Le Seuil, 1983.
- RUGIRA, Jeanne-Marie. A Relação com o Corpo e com a Sensorialidade na História de Vida: por uma abordagem somatopedagógica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da Pesquisa (auto)Biográfica**. São Paulo: Paulus, 2008. P. 73-93.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Toward a New Common Sense: law, science and politics in the paradigmatic transition**. New York: Routledge, 1995.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Universidade de Coimbra, Coimbra, n. 78, p. 3-46, out. 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**.

Coimbra: Edições Almedina, 2009.

THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. **The Polish Peasant in Europe and América**. Urbana: University of Illinois Press, (1984 [1918-1920]).

Elsa Lechner é doutora em Antropologia Social pela École des Hautes Études em Sciences Sociales em 2003, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde co-coordena o núcleo das Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz. É Membro do Conselho de Administração da Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação, chefe de redação da Revista Internacional de Pesquisa Biográfica, *Le Sujet dans la Cité*, membro convidado do grupo de pesquisa EXPERICE da Universidade de Paris XIII e do grupo GRAFHO da Universidade do Estado da Bahia, Brasil.

E-mail: elsalechner@ces.uc.pt